



Evento	Salão UFRGS 2018: XIV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	MONITORIA INDÍGENA NO DEPARTAMENTO DE MÚSICA:RELATO DE EXPERIÊNCIA
Autores	ANDRÉ FERREIRA SANT ANNA GILSON FERREIRA
Orientador	MARILIA RAQUEL ALBORNOZ STEIN

RESUMO: Este trabalho se constitui de um relato sobre a experiência de Monitoria Indígena a um Estudante Kaingang no Curso de Música, Instituto de Artes, UFRGS, por parte de um estudante não indígena, entre 2017 e 2018. Tem por objetivo refletir sobre a natureza da monitoria nesta situação e neste Departamento em particular e sobre alguns processos metodológicos adotados durante a Monitoria Indígena, considerando suas potências e seus limites. Desde a implementação em 2008 do Processo Seletivo Indígena (PSI), a partir da Decisão n.134/2007 do Conselho Universitário, com a oferta de 10 vagas para indígenas, no final 2016 foi a primeira vez que as lideranças indígenas do RS optaram por escolher uma vaga no Curso de Música. Aprovado pelo Processo Seletivo Específico para Ingresso de Estudantes Indígenas 2017, o calouro indígena passou a participar da vida acadêmica do Curso de Música. Entre as políticas de inclusão e permanência promovidas pela UFRGS através da Coordenadoria de Acompanhamento das Ações Afirmativas, estabeleceu-se processo de seleção de monitor para acompanhamento dos estudantes indígenas. Entre os objetivos da Monitoria Indígena - conforme Instrução Normativa PROGRAD/CAF n° 02/2016 - alguns são voltados aos Estudantes Indígenas (“inserir os estudantes indígenas recém-ingressos na UFRGS à realidade Universitária, visando a minimizar as barreiras sociais, culturais e acadêmicas existentes”), outros à universidade (“contribuir para o sucesso da Política de Ações Afirmativas da Universidade, assegurando melhores condições de permanência e desenvolvimento acadêmico aos estudantes indígenas beneficiados”; “contribuir para a qualificação do ensino de graduação, por meio da participação do monitor em práticas pedagógicas já existentes e do desenvolvimento de novas práticas”) e outros ainda ao Monitor (“promover o desenvolvimento acadêmico dos monitores através do diálogo intercultural associado à reflexão sobre a diversidade como pertinente a sua formação em nível superior”; “criar condições para que o monitor aprofunde sua reflexão sobre diferentes aspectos do currículo do seu curso e sobre o desenvolvimento de habilidades relacionadas à docência em sua área de formação acadêmica”). Estes objetivos apontam como a Monitoria Indígena não é um benefício exclusivo ao estudante indígena, a fim de inseri-lo em uma estrutura administrativa e curricular estabelecida, mas principalmente uma ação que visa a beneficiar a instituição nas suas necessárias transformações para se tornar um espaço mais interepistêmico ou intercultural. Para o Monitor, trata-se de um espaço de aprendizagens intenso. A ele estão previstas onze atribuições, que vão de “dispor de horários semanais para trabalhar e estudar com o estudante indígena”, passando por “traduzir para o estudante indígena situações próprias da vida acadêmica e da vida na cidade”, até “reconhecer e respeitar a identidade étnica do indígena, dispondo-se a aprender acerca de seu modo de vida, buscando assim superar as incompreensões próprias nos processos de contatos interétnicos”. Foi selecionado o Monitor de acordo com os critérios exigidos pela Instrução Normativa e levando especialmente em conta sensibilidade para o encontro intercultural, capacidade inventiva no âmbito musical e desejo de aprendizagem. Vários processos seguiram-se ao ingresso do Estudante Kaingang, ainda antes da definição da Monitoria, mas já com presença do candidato que se tornaria Monitor em algumas dessas situações: acolhida aos calouros do Curso de Música pelo Departamento de Música, recepção dos calouros indígenas pela UFRGS, matrícula, ingresso na Casa do Estudante Universitário. Depois de estabelecida a Monitoria Indígena, passou-se a realizar reuniões semanais entre o Monitor Indígena e o Estudante Indígena e encontros sistemáticos com a Professora Orientadora. Foram vivenciados dilemas e algumas soluções metodológicas foram encontradas pelo Monitor, em conjunto com o Estudante, para apoiar o estudo em disciplinas técnico-musicais como Percepção Musical I, ancorada em teorias musicais eurocentradas e metodologias pré-estabelecidas. Além do desenvolvimento de processos de mediação do conhecimento acadêmico às experiências sonoras mais próximas ao Estudante Indígena, foram buscadas outras soluções, como participar de Oficinas de Teoria e Percepção Musical na Extensão do Departamento de Música, participar de encontros de pesquisa, alguns deles voltados à Música Kaingang, e participar de eventos de extensão relacionados aos Estudantes Indígenas. Recentemente, houve a inclusão do Estudante Indígena nas atividades de pesquisa em etnomusicologia da Orientadora, com bolsa de Iniciação Científica. Acredita-se que há muitas instâncias de acompanhamento e permanência que nos desafiam, assim como é necessário que o Estudante Indígena tenha autonomia para tomar suas decisões sobre diferentes questões que precisa enfrentar no contexto intercultural. Parece-nos que o mais urgente e sensível é oportunizar situações acadêmicas em que o Estudante Indígena se reconheça na produção de conhecimento musical, entre suas referências cosmológicas e tradicionais e potencialidades de inovação. No entanto, também é importante, igualmente sensível, achar espaços para a produção de reflexões sobre os currículos universitários e sobre sua adequação às demandas da sociedade, em sua diversidade.